

**Correio Braziliense – 08/01/2013**

**Quadro é o pior em 12 anos**

INFRAESTRUTURA »

## Quadro é o pior em 12 anos

Ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, afirma que o fornecimento de eletricidade está garantido, apesar da escassez de chuvas

ZULMIRA FURBINO

Publicação: 08/01/2013 04:00



Hidrelétrica que integra o complexo de Furnas volta aos níveis de 2001 e 2002, quando o Brasil foi obrigado a economizar luz. Sinal de alerta foi ligado e assusta o setor produtivo

Os reservatórios de energia das usinas brasileiras estão em seu nível mais crítico dos últimos 12 anos, informou o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS). Na média, os reservatórios das regiões Sudeste e Centro-Oeste, que respondem por 70% da capacidade de armazenamento de energia do país, detinham 28,52% de volume útil em 2000, ano imediatamente anterior ao racionamento. Hoje, contam com 28,86%, apenas 0,34 ponto percentual a mais, situação que põe o governo em estado de pânico.

Nas principais usinas hidrelétricas localizadas em Minas Gerais, a situação verificada é a pior para o mês de dezembro desde 2000. Um retrato do problema pode ser colhido em Furnas —1.216 megawatts (MW) —, onde o volume armazenado estava em 12,35% em dezembro de 2012, menor do que os 19,06% apurados no mesmo mês há 12 anos.

Os dados do ONS também mostram que na hidrelétrica de Marimbondo (1.140 MW) o nível de água era de 21,61% em dezembro de 2000 e de 16,13% no mês passado. Na usina de Itumbiara, o volume de dezembro de 2012 era de 10,01% ante 22,45% em igual mês de 2000. Em São Simão, a capacidade armazenada era de 51,55% há 12 anos e agora é de 28,51%. Entre as principais hidrelétricas do estado, somente Emborcação e Nova Ponte estão em situação melhor na comparação entre os dois períodos.

Todas as usinas termelétricas do país — a gás, a óleo combustível, a óleo diesel e a carvão —, estão ligadas desde dezembro e isso deveria garantir o nível de água nos reservatórios, mas não é o que vem ocorrendo. Para Cláudio Salles, presidente do Instituto Acende Brasil, isso significa que a munição de que o país dispõe para enfrentar essa situação adversa já está sendo gasta. “O nível de água nos lagos das usinas está caindo apesar de as térmicas terem sido acionadas. A única região onde a água acumulada aumentou é o Norte, que responde por apenas 5% da capacidade de armazenamento do Brasil”, disse Salles. A expectativa de um possível racionamento de energia já fez o Preço de Liquidação das Diferenças (PLD) do mercado livre de energia, voltado para os grandes consumidores, subir 60% da semana passada para cá, chegando a R\$ 554.

“Risco de racionamento sempre tem, mas se chover a situação pode se regularizar”, explicou Walter Froes, diretor da CMU Comercializadora de Energia. Ele reconheceu, no entanto, que hoje o Brasil vive uma das piores situações hidrológicas para o mês de janeiro.

Apesar do quadro dramático, o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, assegurou que não existe chance de racionamento nem de desabastecimento de energia no Brasil. “Não há nenhuma possibilidade de racionamento, nenhuma possibilidade de desabastecimento”, frisou. Há duas semanas, a presidente Dilma Rousseff disse que o risco de falta de energia no Brasil era “ridículo”.

### **Sem muita opção**

As alternativas, porém, terão custo elevado, com impacto nas tarifas. “Mesmo se as chuvas retornarem ao nível normal no primeiro trimestre, que é o período mais úmido do ano, o país dependerá de um uso mais intensivo da energia térmica, de custo mais elevado, para garantir o abastecimento. Isso é certeza”, afirmou Flávio Neiva, presidente da Associação Brasileira de Empresas Geradoras de Energia Elétrica (Abrage). Para ele, o uso das usinas térmicas poderá voltar ao mínimo a partir de abril, se São Pedro ajudar com as chuvas. “O corte de 20,2% nas contas de luz prometido pela presidente Dilma Rousseff já está sendo atrapalhado pelo uso das térmicas”, disse.

Para Cláudio Salles, se não chover, o governo poderá acionar novamente a usina térmica de Uruguiana, que depende do fornecimento de gás da Argentina e está parada há anos. Outra alternativa seria usar usinas térmicas emergenciais, como ocorreu no racionamento em 2001. O preço da medida foi pago pelo consumidor durante três anos. Do lado do consumo, a solução seria, em primeiro lugar, incentivar a população a diminuir o uso do insumo. A outra saída seria o racionamento.

*Ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, afirma que o fornecimento de eletricidade está garantido, apesar da escassez de chuvas*

ZULMIRA FURBINO

Hidrelétrica que integra o complexo de Furnas volta aos níveis de 2001 e 2002, quando o Brasil foi obrigado a economizar luz. Sinal de alerta foi ligado e assusta o setor produtivo

Os reservatórios de energia das usinas brasileiras estão em seu nível mais crítico dos últimos 12 anos, informou o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS). Na média, os reservatórios das regiões Sudeste e Centro-Oeste, que respondem por 70% da capacidade de armazenamento de energia do país, detinham 28,52% de volume útil em 2000, ano imediatamente anterior ao racionamento. Hoje, contam com 28,86%, apenas 0,34 ponto percentual a mais, situação que põs o governo em estado de pânico.

Nas principais usinas hidrelétricas localizadas em Minas Gerais, a situação verificada é a pior para o mês de dezembro desde 2000. Um retrato do problema pode ser colhido em Furnas -1.216 megawatts (MW) -, onde o volume armazenado estava em 12,35% em dezembro de 2012, menor do que os 19,06% apurados no mesmo mês há 12 anos.

Os dados do ONS também mostram que na hidrelétrica de Marimbondo (1.140 MW) o nível de água era de 21,61% em dezembro de 2000 e de 16,13% no mês passado. Na usina de Itumbiara, o volume de dezembro de 2012 era de 10,01% ante 22,45% em igual mês de 2000. Em São Simão, a capacidade armazenada era de 51,55% há 12 anos e agora é de 28,51%. Entre as principais hidrelétricas do estado, somente Emborcação e Nova Ponte estão em situação melhor na comparação entre os dois períodos.

Todas as usinas termelétricas do país - a gás, a óleo combustível, a óleo diesel e a carvão -, estão ligadas desde dezembro e isso deveria garantir o nível de água nos reservatórios, mas não é o que vem ocorrendo. Para Cláudio Salles, presidente do Instituto Acende Brasil, isso significa que a munição de que o país dispõe para enfrentar essa situação adversa já está sendo gasta. "O nível de água nos lagos das usinas está caindo apesar de as térmicas terem sido acionadas. A única região onde a água acumulada aumentou é o Norte, que responde por apenas 5% da capacidade de armazenamento do Brasil", disse Salles. A expectativa de um possível racionamento de energia já fez o Preço de Liquidação das Diferenças (PLD) do mercado livre de energia, voltado para os grandes consumidores, subir 60% da semana passada para cá, chegando a R\$ 554.

"Risco de racionamento sempre tem, mas se chover a situação pode se regularizar", explicou Walter Froes, diretor da CMU Comercializadora de Energia. Ele reconheceu, no entanto, que hoje o Brasil vive uma das piores situações hidrológicas para o mês de janeiro.

Apesar do quadro dramático, o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, assegurou que não existe chance de racionamento nem de desabastecimento de energia no Brasil. "Não há nenhuma possibilidade de racionamento, nenhuma possibilidade de desabastecimento", frisou. Há duas semanas, a presidente Dilma Rousseff disse que o risco de falta de energia no Brasil era "ridículo".

### **Sem muita opção**

As alternativas, porém, terão custo elevado, com impacto nas tarifas. "Mesmo se as chuvas retornarem ao nível normal no primeiro trimestre, que é o período mais úmido do ano, o país dependerá de um uso mais intensivo da energia térmica, de custo mais elevado, para garantir o abastecimento. Isso é certeza", afirmou Flávio Neiva, presidente da Associação Brasileira de Empresas Geradoras de Energia

Elétrica (Abrage). Para ele, o uso das usinas térmicas poderá voltar ao mínimo a partir de abril, se São Pedro ajudar com as chuvas. "O corte de 20,2% nas contas de luz prometido pela presidente Dilma Rousseff já está sendo atrapalhado pelo uso das térmicas", disse.

Para **Claudio Sales**, se não chover, o governo poderá acionar novamente a usina térmica de Uruguaiana, que depende do fornecimento de gás da Argentina e está parada há anos. Outra alternativa seria usar usinas térmicas emergenciais, como ocorreu no racionamento em 2001. O preço da medida foi pago pelo consumidor durante três anos. Do lado do consumo, a solução seria, em primeiro lugar, incentivar a população a diminuir o uso do insumo. A outra saída seria o racionamento.